



# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez . . . . . 405 (50 reis)  
Semestre . . . . . 230 (300 reis)  
Um ano . . . . . 480 (600 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORO

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Naciel Barbosa

Para fora do país acresce o importe do selo.  
Numero avulso \$01 (10 reis)

## Comemoração sangrenta

Celebra-se hoje, pela vigésima quinta vez, a manifestação operária internacional do Primeiro de Maio. Da primeira vez, em 1891, arvorava a bandeira das oito horas de trabalho, revindicadas por meio da acção directa, e erguia um protesto ameaçador e retumbante contra o crime de Chicago.

Num pensamento gentil, a burguesia francesa quis avermelhar de sangue proletário aquela comemoração dum assassinato: o exército fuzilava em Fourmies alguns trabalhadores—o inimigo interior...

Ovigésimo quinto aniversário—bodas de prata dum grandioso casamento internacional—merecia bem uma celebração grandiosa, e a burguesia europeia quis fazer as coisas com largueza e com ostentação, gastando embora rios de dinheiro e de... sangue.

Começado com infinitas esperanças, o Primeiro de Maio devia fazer confraternizar, na luta contra os governantes e patrões, o proletariado internacional: a burguesia conseguiu que, ao cubo de vinte e cinco anos, elle se metralhasse reciprocamente em vastísimos campos de batalha, onde as mesmas balas que ferem o inimigo «exterior» vão ricochetear contra o inimigo interno visado em 1891.

Os cinco enforcados de Chicago, os poucos fuzilados de Fourmies—ei-los régimento rememorados com milhões de cadáveres, fartíssimo repasto dos corpos de penas e dos abutres insaciáveis da riqueza e do poder.

Não há dúvida: este ano, por esta ridente primavera de sangue, o Primeiro de Maio é estrondosamente celebrado com a mais espantosa festa que mente humana poderia conceber—e que os generosos condutores de povos imaginaram e ofereceram aos seus súbditos, para os distrair dos seus cuidados, das suas misérias e das suas mesquinhas preocupações de emancipação social...

E os súbditos aceitaram a munificente oferta, entoando a plenos pulmões, como sonoros clarins de guerra, as vibrantes palavras de Liberdade, Civilização, Independência...

No entanto ouvem-se notas discordantes, as dos eternos descontentes. Há quem não concorde com os festejos e procure lançar a desarmonia entre o congratamento patriótico das

classes, entre os amos e os servos.

Hoje precisamente de vem estar reunidos no Ferrol homens que proveem de vários países e que entendem a fraternização operária internacional de maneira inteiramente oposta.

E quantos corações doloridos não verão em sonhos a aurora deste Primeiro de Maio iluminar as trincheiras com uma luz nova e recordar aos cérebros aturdidos dos traba-

lhadores o sentido deste dia de fraternidade proletária e de revolta contra os amos? Se o Natal cristão murmurou, de trincheira para trincheira, uma palavra redentora, não a poderia clamar mais eficazmente o Primeiro de Maio socialista e revolucionário?...

Ah! pudessem hoje os trabalhadores recordar-se de que tem as armas na mão!

NENO VASCO.

## O 1.º de maio e o congresso de Ferrol

Ao luto e á dôr que eternamente dilacerarão o coração confrangido do proletariado consciente, motivados pelas vítimas da reacção vermelha nas jornadas sangrentas, mas gloriosas, dos trabalhadores americanos, tem-se de adicionar este ano o luto e a dôr causados pela guerra fratricida saída das ambições de uma sociedade de delinquentes legais.

Nunca fui daqueles que concordam que a data imorredoura e epica do 1.º de maio deve ser considerada como uma simples festa de trabalho, em cumprimento de uma proposta insensata e tendenciosa dada á luz por um socialista autoritário francês.

Jámais pensei em ofuscar os fastos brilhantes da História revolucionária americana que, atravessando os vastos lençóis dos mares revoltos, veio exercer a sua benéfica influência nas principais nacionalidades da Europa.

E agora que os campos se semeiam de cadáveres ensanguentados, as vidas humanas tombam no sólo desfeitas em farrapos sanguíneos, o incêndio crepita e devora as florestas e as casas dos humildes, o aço e o canhão imperam infrenes e a fome invade as populações errantes e temerosas—este dia memorável e lutuoso que hoje passa, ainda muito menos deve ser revestido de galas festivas.

Toda a solenidade deve resumir-se numa intensa propaganda revolucionária, numa útil sementeira de conhecimentos indispensáveis, num esforço supremo para encaminhar os trabalhadores para a sua livre união, num crescente espalhar de ódio contra a guerra, suas causas e seus agentes e no levantamento moral das massas produtoras.

Tudo quanto não seja feito dentro desta esfera d'acção é um crime; e todos aquêles que pretendam desvirtuar o sentido das coisas por meio de funcanatas, persistindo no erro de felicidades irreais, são os que não querem vêr a luz da razão, os que não se sentem pelos acontecimentos trágicos que se vão desenrolando por esse mundo fóra, os que, tacitamente, concordam com este estado actual de coisas.

O momento é de dôr e não de alegrias, de fome e não de abundância, de opressão e não de liberdade, de revolta e não de pacifismo. E a causa predominante de tudo isto, são aquêles nossos inimigos chamados Estados, com a sua coercitiva engrenagem interior e exterior, que presentemente destroem impunes o que muitas gerações construíram numa importantíssima sôma de anos. Nesta orien-

tação de ideias e de factos, a lógica impõe-se-nos:—guerra aos estados e guerra á guerra!

Assim, com esta actividade desenvolvida nas conferências, nos sindicatos e na imprensa operária, colaboramos gostosamente nos diversos trabalhos do congresso do Ferrol, onde estão representadas inúmeras colectividades e grupos operários e revolucionários de alguns países, e que, por si só, constitui uma grandiosa e significativa manifestação das forças vivas do movimento trabalhador.

O congresso de Ferrol é a mais clara e alevantada afirmação de que o sentimento nobre e ideal do internacionalismo não caducou, como caducam desastrosamente todos os sentimentalismos piégas e anacrónicos dos nossos mais conspicuos defensores do regimen estatal e capitalístico. Naquela espécie de convenção operária, as idéas e os princípios, a férrea vontade e a inteligência arguta, devem impulsionar o espirito livre dos delegados.

Não é a paz imediata que dali sairá; mas sim o entendimento e a melhor tática revolucionária a empregar pelos trabalhadores para precipitar o mais breve possível o termo da guerra e, simultaneamente, levar-se a efeito, com tenacidade e heroísmo, uma propaganda internacional contra o militarismo arruinante e ameaçador e a diplomacia rasteira e secreta, vil e porca dos governos e seu anel apertado de políticos.

Além disto, espero confiante que do congresso saia uma entente internacional dos trabalhadores para impedir de um modo radical a repetição de tais carnificinas, empregando-se, chegada a ocasião, toda a agitação popular e directa, quer dos países atacantes, quer dos países atacados. Estabelecida, por exemplo, a entente entre os trabalhadores peninsulares, a esta compete-lhe velar pela paz do povo português e do povo espanhol, ambos vítimas do capitalismo imperante.

Ha rumores de que a Espanha se arma para invadir Portugal? O trabalhador daquele paiz deve unir-se, cerrar fileiras, agitar-se, desde a grève geral á barricada, desde o desrespeito immediato das ordens dimanadas de cima á imposição enérgica de não deixar sair os regimentos, levantando-se aslinhas do caminho de ferro, paralisando a circulação dos comboios, não se embarcando de material de guerra e outras coisas inerentes. Em suma: uma rebelião em cheio, desde o mais pequeno logarejo á maior cidade. O governo, en-

calhando no levantamento geral, unânime, retumbantemente ameaçador, ver-se há forçado a pôr de parte os seus desejos de conquista, baseados nos «direitos adquiridos» ou nos «direitos históricos», para acudir á formidável contenda. Os seus exércitos não poderão marchar, primeiro porque a sua mobilização se torna quasi impossível, pela recusa dos reservistas em correr ás fileiras; segundo, pela agitação do povo, opondo-se ás estultas pretensões dos governos de balcão; e terceiro, porque os poucos efectivos disponíveis serão insuficientes para sustar a insurreição lavrada por toda a Espanha.

E' claro que nós, portugueses, não devemos ficar de palanque, inactivos. O nosso governo, invocando o perigo espanhol, procurará preparar-se para uma defensiva. Nestas condições e de acordo com os trabalhadores espanhóis—criando-se para isso um comité internacional de relações entre os dois povos os trabalhadores portugueses devem secundar o movimento insurreccional de Espanha. Nem guerra defensiva, nem guerra ofensiva; nem perigo espanhol, nem perigo português. Ha só este perigo: o da diferença de castas, o capitalista e o comerciante, o industrial e o cambista.

Se os socialistas franceses e alemães fôsem revolucionários, em vez de perderem o seu tempo em alardear perigos russo, francês e alemão, e aconselharem um patriotismo por necessidade, como o pão para a boca, tivessem procurado uma aproximação entre os povos hoje em luta, a guerra, certamente, não teria sido declarada. Mas a conveniência do engrossamento do partido, da supremacia eleitoral e das preponderancias adquiridas levou-os a esse crime histórico e involvidavel. Para se não repetir esse crime, é que o congresso de Ferrol se encontra reunido, do qual todos esperam sairá obra útil e que tão indispensável é. Entretanto, hoje, Primeiro de Maio, a nossa propaganda deve consistir em, mais uma vez, explicar as origens desta data imperecível e preparar os trabalhadores para seguirem livremente as determinações do congresso.

Clemente Vieira dos Santos.

Depois de composto este artigo, constanos ser prohibido o congresso de Ferrol. Do que ha falaremos no proximo numero.

Quando se mata e rouba em grande escala, ganha-se a aprovação das pessoas honradas, e não se chama roubo nem assassinio ao facto; inventou-se uma palavra bonita para classificar as vilanias que a sociedade comete: chama-se a isso civilisar as populações atrasadas.

Jean Graus.

## BALANCETE FÚNEBRE

Segundo uma recente estatística organizada pela Cruz Vermelha, eis as perdas já sofridas pelos exércitos beligerantes:

	Doentes e feridos	Inválidos	Prisioneiros	Mortos	Totais
Sérvia . . . . .	126.000	19.500	46.000	87.500	279.000
Montenegro . . . . .	38.000	12.500	18.500	30.000	89.000
Japão . . . . .	38.000	5.500	2.000	11.500	57.000
Rússia . . . . .	1.100.000	420.500	480.000	443.000	2.423.500
Bélgica . . . . .	62.500	27.500	4.500	32.500	173.000
França . . . . .	757.000	410.000	494.500	484.000	2.145.500
Inglaterra . . . . .	185.000	45.500	83.500	165.000	478.000
Austria . . . . .	618.000	90.500	518.000	341.000	1.573.500
Alemanha . . . . .	1.018.000	983.000	338.000	441.000	2.780.000
Totais . . . . .	3.912.500	2.040.500	2.009.000	2.005.500	9.997.500

Dois milhões de mortos! Dois milhões de inválidos! E trata-se de um simples balancete que será o balanço final?  
E os burgueses ainda vociferam contra a revolução e os revolucionários! Como se a revolução, infinitamente mais útil, pudessem causar sequer a décima parte das vítimas já sacrificadas na vasta hecatombe provocada pelos Estados, pelas castas militares e pelas oligarquias capitalistas.